

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA PELOS JOVENS

Elisabete Pinto da Costa – Instituto de Mediação da ULP
elisabete.pinto.costa@gmail.com

III Encontro de Mediação Familiar da RAM
“Mediação: Um Espaço de Cidadania”
5 de dezembro de 2014



INTRODUÇÃO

Nos moldes da filosofia moral e política, os conceitos de cidadão e de cidadania expõem uma forma ideal de viver em sociedade, assumindo-se com um modelo de ser sujeito social, que promove uma determinada forma de sociabilidade a construir (Sacristán, 2002).

A cidadania é um marco da Escola, enquanto comunidade educativa. A esta corresponde um papel preponderante na promoção de uma “convivência cidadã” (Juste, 2007). Daí o alarme quando os problemas de conflitualidade, de indisciplina ou de violência aí ocorrem.

A mediação na Escola incorpora uma conceção mais ampla que a mera solução pontual de conflitos. Ao apostar na valorização do conflito e na sua reapropriação pelos indivíduos (Pinto da Costa, Almeida & Melo, 2009), numa lógica de socialização dos mesmos (Correia & Caramelo, 2010), a mediação proporciona ao nível interpessoal oportunidade de aprendizagem e crescimento (Jares, 2006; Torrego, 2006) e ao nível social um sentido para o viver em conjunto.

OBJETIVOS

Este estudo exploratório insere-se num trabalho de investigação mais amplo sobre projetos de mediação de conflitos em contexto escolar e pretende-se especificamente compreender a atuação e o reconhecimento de um grupo de jovens mediadores no exercício da “convivência cidadã”.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Oito jovens, dos 15 aos 20 anos, sendo sete do género feminino e um do género masculino, distribuindo-se da seguinte forma: dois com 15 anos, a frequentarem o 10º ano de escolaridade, quatro com 17 anos, um com 18 anos e outro com 20 anos, do 12º ano de escolaridade. Todos realizaram uma formação em mediação de conflitos, de 18 horas, no ano letivo 2012-2013 e integram a equipa de mediação de uma Escola Secundária do Norte do país.

INSTRUMENTOS

Para a recolha dos dados utilizou-se dois questionários: “Ser mediador” e “Realização de mediação informal”. As categorias que compõem a estrutura dos instrumentos são de natureza teórica e, sobretudo, empírica, porquanto estes instrumentos já foram aplicados noutras escolas onde funcionam projetos similares de mediação de conflitos.

O primeiro questionário, “Ser Medidor”, é composto pelas seguintes categorias “atuação” (“realização de mediações”, “tipo de mediações” e “solicitações”); “reconhecimento” (“conhecimento”, “recetividade”, “desempenho”, “trabalho colaborativo”, “apreciação dos demais” e “autorealização”); e “melhorias” (na “equipa de mediação” e “em relação aos estudantes mediadores”).

Este questionário apresenta três conjuntos de questões, num total de 20, sendo o primeiro e o segundo compostos por questões dicotómicas, questões tipo filtro e uma questão aberta; e o terceiro conjunto de questões organizado segundo de uma escala de tipo Likert (“nunca”, “às vezes”, “muitas vezes”).

O segundo questionário, “Realização de mediação informal”, compreende um conjunto de quatro categorias e nove itens, organizado da seguinte forma: “Conflito” (“tipo” e “local da ocorrência”); “características dos mediados” (“perfil” por ano de escolaridade, “idade” e “género”); “conclusão da mediação” (“resolução” ou encaminhamento); e “características dos mediadores” (“perfil” por ano de escolaridade, “idade” e “género”). As treze questões são fechadas, de identificação e de escolha múltipla.

PROCEDIMENTO

Os questionários foram preenchidos, em novembro de 2013, no início de uma reunião de partilha e reflexão de vivências dos jovens.

Para a análise dos dados foi efetuada uma análise estatística descritiva, através de Excel, tendo-se calculado as frequências simples absolutas e ainda uma análise de conteúdo das respostas à questão aberta. A análise de dados foi sujeita a uma codificação dos dados, organizada em função da matriz de categorias já previstas nos questionários e atendendo aos propósitos do estudo (Bardin, 2014). Trata-se, por isso, de uma análise predominantemente qualitativa, na medida em que se procura compreender a perspetiva dos indivíduos, com ênfase nos processos, nas dinâmicas de ação e nas representações.

RESULTADOS

SOBRE “SER MEDIADOR”

Atuação: “realização de mediações formais e informais”, “tipo de mediação mais frequente”, “solicitações”, por parte dos “colegas” e “professores”.

Dos oito estudantes, seis realizaram mediações informais, num total de 20, e não houve registo de mediações formais. Já quanto às “solicitações”, verificou-se que cinco estudantes referiram que “às vezes” os seus colegas recorreram aos mediadores e três disseram “nunca” terem sido solicitados para intervir. Quanto aos professores, cinco estudantes referiram que “às vezes” são solicitados, um “muitas vezes” e dois “nunca”.

Reconhecimento: “conhecimento”, “recetividade”, “desempenho”; “trabalho colaborativo”, “apreciação dos demais”, “auto realização”.

Verificou-se que seis estudantes mediadores referem que “muitas vezes” os seus colegas têm conhecimento sobre quem são os mediadores e dois referem “às vezes”. Todos (n=8)

revelaram que “muitas vezes” os diretores de turma sabem que estes estudantes são mediadores, seis responderam que “muitas vezes” os professores os identificam, um referiu “às vezes” e outro “nunca”. Sobre se os colegas aceitam a intervenção dos mediadores, metade (n=4) respondeu “muitas vezes” e a outra metade referiu “às vezes”. Por sua vez, seis manifestaram estar à vontade para atuar, embora um tenha referido que “às vezes” e outros “muitas vezes” não se sentem à vontade. Seis referiram ainda ter colaborado “às vezes” com outros mediadores, sendo que um disse “muitas vezes” e outro “nunca”. Em termos de trabalho colaborativo entre mediadores, as respostas obtidas indicam que sete partilharam “às vezes” as suas mediações com os colegas mediadores e um “nunca”. Em relação à partilha com os professores mediadores, cinco dos inquiridos mencionaram já o terem feito “muitas vezes”, dois indicaram “às vezes” e um “nunca”. Acerca da “apreciação dos demais”, sete referiram que “nunca” foram criticados por serem mediadores, um “muitas vezes” e todos (n=8) manifestaram que “nunca” os colegas comentaram que não deviam ser mediadores. Por último, nesta categoria procurou-se também averiguar qual a “auto realização” dos mediadores, à qual sete responderam que gostam “muitas vezes” de ser mediador e um “às vezes”. Cinco referiram ainda que se sentem “muitas vezes” úteis a realizar mediações e três “às vezes”.

Melhorias: “na equipa de mediação” e “nos estudantes mediadores”.

Seis inquiridos responderam “sim” às melhorias na equipa de mediação, dos quais três apontaram “maior divulgação do “gabinete” e dos “mediadores”, um referiu que existe “poucos professores e funcionários a intervir”, um indicou que é necessário haver uma “opinião mais positiva em relação à mediação”, outro mencionou ainda existirem “poucos encaminhamentos pelos professores para a mediação”. Os dois restantes optaram pela resposta “não”. Todos (n=8) expressaram que não havia nada a melhorar quanto aos estudantes mediadores.

“REALIZAÇÃO DE MEDIAÇÕES INFORMAIS”

Procurou-se reunir mais informação sobre as 20 intervenções realizadas.

Mediadores: (“perfil”, “idade” e “género”) os mediadores (n=6), que atuaram a este nível são todos do género feminino, um com 15 anos, do 10º ano de escolaridade, três com 17 anos, um com 18 anos e um com 20 anos, que frequentam o 12º ano de escolaridade.

Conflito: (Tipo” e “local”) dada a possibilidade de identificarem múltiplas causas, os inquiridos apontaram terem intervindo em situações de ofensas e insultos (n=1), discriminação (n=1), agressão física (n=1) e discussões (n=1). Contudo, na opção “outros” foi indicado “alerta de mudança de comportamento” (n=2), e em oito intervenções não foi apontado o tipo de ocorrência. Por sua vez, os dados revelam que as intervenções foram realizadas nos corredores (n=12), fora da escola (n=2), no recreio (n=2), no refeitório (n=2) e no bar (n=2).

Mediados: (“perfil”, “idade” e “género”) foram realizadas 11 intervenções em contexto de turma, do 7º ano de escolaridade, e cinco intervenções interpessoais, sendo que quatro ocorreram no 7º ano e uma mediação entre dois estudantes do 7º vs 9º anos.

Conclusão: (“resolução” e “encaminhamento”) todas as situações ficaram resolvidas, não havendo necessidade de encaminhamento para o gabinete para realização de mediação formal.

CONCLUSÕES

Os jovens mediadores atuam efetivamente na gestão de conflitos no contexto socio-escolar, intervindo de forma imediata e próxima dos seus pares, através da mediação informal.

Se, por um lado, nem todos os jovens realizaram mediações, por outro, alguns realizaram várias, percebendo-se que para além de atuarem por iniciativa própria, os professores, assim como os seus pares, vão solicitando a sua intervenção.

Confirma-se uma perceção favorável quanto à existência dos jovens mediadores. Estes são geralmente reconhecidos e aceites pelos demais. Aliás, os restantes jovens fazem uma avaliação positiva sobre a sua atuação e de forma globalmente afirmativa estão à vontade para atuar. Em consequência, existe um elevado nível de realização pessoal destes jovens.

Desempenhar o papel de mediador permite a estes jovens atribuir sentido e significado à vida na comunidade em que se inserem. São construtores de uma “convivência cidadã” e fazem-no de forma diferente dos adultos pois situam-se na mesma condição evolutiva. De forma integrada, a mediação permite aos jovens um reencontro com os outros mas também consigo mesmos, numa lógica de empoderamento através da intervenção na dinâmica de reconhecimento e de valorização entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence (2014). Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70.
CORREIA, José & CAMELO, José (2010), A construção social e legislativa da mediação: figuras e políticas. In Correia, J. & Silva, A. (Orgs), A Mediação: (D)os contextos e (D)os actores. Porto, Afrontamento, pp. 13-32.
JARES, Xesús (2006). Pedagogia da convivência. Barcelona, Paidós.
JUSTE, Perez (2007), Educación, ciudadanía y convivencia. Diversidad y sentido social da educación, Bordón, 59.
PINTO DA COSTA, Elisabete; ALMEIDA, Liliana & MELO, Márcia (2009), A mediação para a convivência entre pares: contributos da formação em alunos do ensino básico, Atas do X Congresso Internacional Galego-Português. Braga, Universidade do Minho, pp. 165-178.
TORREGO, Seijo (2006). Modelo Integrado de mejora de la convivencia: estrategias de mediación y tratamiento de conflictos. Barcelona, Paidós.
SACRISTÁN, Gimeno (2002). Educar e conviver na cultura global. Porto Alegre, Artmed.